

VOGUE

Nº 362
Outubro
R\$ 14,90

Entre na dança

Sapatilhas, tons pastel, rendas e tutus trazem o balé para dentro do armário

Danuza Leão revela por que detesta a Paris dos outdoors

Vida real

Como vestir no dia-a-dia as peças das passarelas

LUXO É SER LEVE

Livre-se de todos os excessos e invista em tecidos vaporosos e translúcidos e em babados românticos

Brasil urgente

Um surpreendente guia de compras e diversão fina em Fortaleza, Recife e no interior de SP

ISSN 0104-5121

Portugal, € 5,00
França, € 8,90
Reino Unido, £ 5,70



9 770104 512006

FOTO FAZ BOOM

Carolina Overmeer conta como arrematou um retrato de Bob Dylan by Richard Avedon no meio do deserto americano e dá dicas para quem quer investir no novo hype das artes

QUEM PODERIA IMAGINAR que uma pequena galeria na cidade de Tucson, no Arizona, rodeada por um surreal cenário desértico que pouca gente se anima em visitar, teria entre suas obras uma fotografia de Bob Dylan feita por Richard Avedon – dessas quase impossíveis de se achar no mercado. Entrei na galeria por acaso, durante uma escapada do spa onde estava hospedada, o Miraval. O galerista guardava a foto com todo o cuidado em uma caixa de papelão quando cheguei. Primeiro disse que ela não estava à venda – não queria perder a relíquia – e tentou me convencer a comprar qualquer outra foto de índio pendurada nas suas paredes. Mas como tudo tem um preço nessa vida, acabou fechando negócio, e voltei de Tucson com a foto do Avedon na bagagem. De lá para cá Avedon morreu (no Texas, em 2004, aos 81 anos), o



Retrato de Bob Dylan by Richard Avedon arrematado numa galeria do Arizona (no alto) e duas obras que estarão expostas na Paris Photo: *L'Avant Dernière* (2007) de Sarah Moon (à esquerda) e imagem da série *Think of England* (1996-2000), de Martin Parr

mercado da fotografia passou por uma supervalorização, multiplicaram-se os colecionadores e, lógico, minha querida imagem do Bob Dylan quadruplicou de preço (segundo pesquisa no site *Artnet.com*). Conto isso para ilustrar o quanto (ainda) vale a pena investir em fotografia.

Dizem os experts que, em tempos de crise e instabilidade econômica como os que estamos vivendo, comprar obras de arte é um ótimo negócio. Não fossem os preços estratosféricos em jogo nesse mercado, que restringem o número de *players* a uns poucos abastados, a dica até faria sentido. A realidade, porém, aponta a fotografia como alternativa mais viável – e nem por isso menos interessante. Para atestar o boom basta examinar a quantidade de exposições, feiras e leilões especializados – na Christie's e na Sotheby's inclusive – que estão acontecendo mundo afora. E nem é preciso ir tão longe: neste ano a Bolsa de Arte realizou com sucesso o primeiro Leilão de Fotografia do Brasil – a

Vogue cocktail couture



Acima, foto do português radicado no Brasil Fernando Lemos, *A Espera do Voo* (1949). À esquerda, *From Revenge* (2002), de Ellen Von Unwerth, e foto do mexicano Arturo Zavala Haag, *Nobody Knows What Happened* (2008). Abaixo à direita, foto vendida mês passado no primeiro leilão da Bolsa de Arte: a *Catherine Deneuve* de Vik Muniz saiu por R\$ 270 mil

gente já bem colocada no mercado como Maurizio Cattelan, Sophie Calle e Vik Muniz; e a galeria Kammel Manour, que organiza *openings* superbem freqüentados e representa Ellen von Unwerth, Araki e Peter Beard. Já em Amsterdã não deixe de visitar a Gabriel Rolt, que tem o passe de uma das minhas fotografias favoritas atualmente, Desirée Dolron.

A quem interessar possa, muito em breve o Brasil terá um site especializado em orientar novos colecionadores, o fassbrasil.com.br, já que nem sempre o caro, grande e colorido, vale quanto pesa. O site faz parte de uma organização maior, a FASS, que além de criar cultura fotográfica tem como objetivo popularizar artistas pouco conhecidos que merecem atenção, gente como o peruano Martin Chanbi e o português radicado no Brasil Fernando Lemos, cujas imagens realizadas em Portugal nos anos 50, durante o movimento surrealista, fazem o maior sucesso na Europa, mas são pouco divulgadas por aqui – eu já tenho uma no meu quarto, penduradinha ao lado do Bob Dylan de Avedon.



maioria das fotos saiu por valores acima do estimado, sendo que a mais cara delas, *Catherine Deneuve*, de Vik Muniz, foi vendida por R\$ 270 mil!

Na Europa o calendário segue a mil até o fim do ano: este mês acontece a badalada Frieze, feira de arte contemporânea inglesa da qual participam mais de cem galerias (brasileiras são cinco), muitas delas de fotografia; e a Zoo Art Fair, também em Londres, versão mais jovem – e acessível – que funciona como plataforma para lançar talentos emergentes no mercado. Em novembro é a vez de Paris sediar a décima edição da Paris Photo, feira que tem grande prestígio por reunir uma centena de galerias só

de fotografia e atrair mais de 40 mil visitantes a cada ano – colecionadores sérios não perdem o programa por nada! (de 13 a 16, no Carrousel du Louvre). Tem também o Mois de la Photo, evento que transforma Paris na capital da fotografia, com 96 exposições bacanas em quase todos os museus e galerias da cidade – uma vez lá, não perca a retrospectiva de David Seidner na Fundação Pierre Bergé-YSL; imagens da América feitas por Cartier-Bresson e Walker Evans na Fundação Henri Cartier-Bresson; e a arte de Lee Miller no Jeu de Paume (esse museu, aliás, há dois anos passou a se dedicar exclusivamente à fotografia).

Para quem viaja fora da temporada, segue um pequeno roteiro de galerias bacanas que gosto sempre de visitar. Em Londres, há a Michael Hoppen, que tem uma ótima seleção de clássicos como Diane Arbus, Robert Frank, Lartigue e Irving Penn; The Photographer's, cuja seleção eclética e contemporânea inclui bons fotógrafos de moda; e a 20 Hoxton, mais alternativa, ideal para encontrar novos talentos a preços possíveis – atenção para o mexicano Arturo Zavala Haag. Em Paris vale checar as galerias Emmanuel Perrotin e a Xippas, ambas especializadas em arte e fotos de

